

FERRAMENTAS HEFESTIANAS **OS DÁCTILOS E A CRIATIVIDADE** **EM BUSCA DA ALMA ESCONDIDA NA MATÉRIA**

CRIAR é conceber o NOVO!

A origem de toda a criação é o vazio, em grego – KHÁOS – a profundidade insondável. Seu desdobramento em – KHAÍNEIN – “abrir-se”, já é a possibilidade de movimento, de fecundidade geradora.

O Processo Criador percorre um caminho no qual é necessário abandonar o domínio do Racional e lançar-se na Intuição, perceber as possibilidades e ser subitamente apreendido pela Iluminação; ser apanhado pela força de Gaia, entrar em seu in-feros, esfera transformadora das emoções, deixar fluir, aprender a arte do calor e com ela moldar, flexibilizar, resistir, dar plasticidade e expressar a forma oculta, o vir a ser .

Trazer à forma algo do indizível, é um ato de intimidade, envolvimento e entrega. Pode parecer simples mas aos olhos do Ego torna-se um desafio no qual ele precisa aprender a perde-se para depois se achar em renovação. A arte está neste saber tocar o invisível, um compromisso do ser total que recebe a Inspiração e a transforma em concretude estética.

O lugar do Belo é a Imagem! É a Alma!

Sustentar a máxima do Feminino – o conhecimento do outro sem palavras – proporcionar intimidade e proximidade e estar em comum união, é o próprio húmus gerador da criatividade ao nível do feminino.

A Criatividade sempre foi uma “droga mágica”, o Phármakon que os gregos utilizavam contra a morte e o esquecimento e, como tal, também “sofre” do mal ao qual cura. É inseparável das dores emocionais, do sentimento de exclusão que leva ao vale do esquecimento.

Existe um padrão arquetípico gerador da introspecção necessária para que a Criatividade se dê ao nível da matéria, na tridimensionalidade. Ele se recria a todo momento. É Hefesto. O gênio criativo, o rejeitado, excluído, atirado do Olimpo por sua fealdade, ou por tentar conciliar uma briga entre os seus pais, Zeus e Hera, nos ilumina com o conhecimento sobre o desdobramento das forças que participam do Processo Criador, ele protege a tessitura deste processo. O padrão arquetípico pulsa o movimento da psique individual!

Estar em Hefesto é absorver as tensões do meio, não suportá-las em sua guerra improdutiva e ser excluído. É cair no vazio e assumir a imperfeição. Encolher-se para ir buscar dentro de si o erro e destruí-lo, metamorfoseando-o, sentindo a dor do limite, e trabalhar artesanalmente até encontrar a forma redentora, guardada por Réia (aquela que representa o Self como centro da personalidade unificada), e só então, de posse do Novo, de algo Belo que reflita o mundo dos deuses, poder voltar ao convívio social. Do grego Héphaistos, significa “acender, por fogo em”, é o coxo, mutilado como o relâmpago, precipitado como ele, do céu para a terra ou para a água, Hefesto é o fogo nascido nas águas celestes. (1)

Ele é a personificação do fogo telúrico, seu andar coxo é semelhante às labaredas ou ao ziguezaguear do raio – símbolo de Zeus e de sua Luz que através da queda marca a cumplicidade do espírito oculto na matéria (a disponibilidade interior para o divino).

Hefesto, caído no mar, foi recolhido por Tétis e Eurínome e durante 9 anos fez uma verdadeira iniciação nos mistérios femininos de transformação da matéria. Ele imergiu na participação mística com a natureza, na intimidade que interliga todas as coisas e guarda o segredo da Criação. Em sua gruta submarina, forjou os metais preciosos, ouro, prata e também o ferro, o bronze.

Ele é a ferida que proporciona melhor ligação com a terra, a ferida que permite que a alma se revele em interioridade criativa.

Na simultaneidade mítica, Hefesto está nascendo ao mesmo tempo em que está fazendo o parto de Atená.

“Atená é a necessidade trazida do outro mundo para este mundo, da cegueira para os olhos luminosos, do fiar para o tecer, da compulsão impenetrável e errante para as medidas práticas, protetoras e preventivas do intelecto ligadas à necessidade”. (2)

Ela delimita as profundezas das Erínias (filhas de Réia, mãe de Zeus e cúmplice da luz/centelha divina que habita na escuridão), impedindo a hybris, o descomedimento dos homens que se esquecem do húmus, do barro do qual vieram e se sentem superiores com se fossem Deuses. As Erínias encarnam forças primitivas, perturbadoras da razão, que não se submetiam aos olímpianos antes de Atená.

Segundo Juno Brandão, ela simboliza a criação psíquica, a síntese por reflexão, a inteligência socializada e é a Inspiradora das Artes e da Paz. A protetora dos Artesãos.

Atená, marcada com a luz do pai e a sabedoria da mãe e Hefesto marcado por ser o diferente, aquele que carrega o fardo da rejeição ambos nascidos de uma grande tensão, trazem um novo padrão de consciência para a Cosmogonia Grega, fonte de nossos arquétipos ocidentais. Representam a transição entre Natureza e Cultura pela via da atividade simbólica. Complementam-se no movimento “Solve et Coagula” da iluminação intuitiva e da concretização.

Segundo Walter Boechat, na criação Hefestiana, os opostos Natureza e Cultura são elaborados num Sintema e não numa síntese que postula uma tese e sua infundável cadeia de opostos. Este terceiro é a Função Transcendente, atividade simbólica do Arquétipo Central através do padrão de introspecção trazido por Hefesto. (3)

Em seu padrão de introspecção, Hefesto transforma a agressividade dentro de si mesmo. Em sofrimento, sentindo suas próprias emoções, seu gênio criativo é capaz, com a habilidade do artesão, de moldar a matéria e torná-la Bela, é capaz de encontrar a luz que reflete a imortalidade, provando assim ser também um Olímpiano. Ele aprendeu a silenciar para ouvir a voz das Musas e seus ritmos cósmicos e ensina ao Homem a arte de reconectar com as forças primordiais, recriando a si mesmo num contínuo ir e vir.

Hefesto forjou sua ira por ser rejeitado ou traído. Forjou o amor, a vingança, as paixões. E encontrou nelas a inspiração para o trabalho criativo, colocando na matéria aquilo que estava sentindo. É na tridimensionalidade que ele molda o seu caráter, canalizando a agressividade para transformar em Beleza o que quer que tocasse, e com isso mostrou um caminho que conduz à Paz, sem derramamento de sangue, contribuindo para a essência de uma cultura de respeito ao Ser.

A forja era o local das transformações, seu refúgio, local de recolhimento.

Seus companheiros de trabalho eram os Cabiros, os Sátiros e os Dáctilos, personificações do Numinoso Anônimo, ou seja, a numinosidade sem forma, são a própria multiplicidade. (4)

O parentesco de todas as coisas, próprio do mundo matriarcal, convida o corpo inteiro a participar da Criação e é através dos Dáctilos, os dedos, senhores do tato, gerador do calor, pelo atrito, que faz do artífice o catalisador do processo criador na matéria. Eles personificam a potência criativa do artesão.

Os Cabiros, KHTHÓNIOI – subterrâneos – eram os propulsores da fertilidade e das riquezas, integravam o séqüito de Réia e assistiram ao nascimento de Zeus em Pérgamo. Eram quatro, Cadmilo, Axiero, Axioquersa e Axioquerso, os quais foram identificados com Hermes, Deméter, Perséfone e Hades, todos conhecedores dos mistérios da vida-morte e renascimento.

Não podemos esquecer que foi Eurínome que acolheu e cuidou de Hefesto e ela representa a dança e as pulsações da Alma, cria o tambor, que reproduz os sons rítmicos do coração. Ela ensinou-o a sentir a própria interioridade da Alma. Sístole e Diástole, expansão e recolhimento, um padrão binário do vir a ser, um movimento primordial no micro e no macro Cosmos, indissociável, que eterniza a finitude da vida. Foi também Tétis que o recebeu em seu mar fecundo, ela é a mãe, o feminino arquetípico revelando-se em todo o seu valor.

Géia e Urano, Réia e Cronos, Zeus e Hera, formam as três primeiras gerações míticas e completam sua totalidade, lançando a ponte para a humanização de seus potenciais, através da quarta geração divina, Hefesto e Atená, os quais celebram o equilíbrio das forças e nos presenteiam com o padrão diferenciador, aquele que interliga as duas realidades, a Luz e a Sombra.

Atená e Hefesto nos dão os padrões de introversão, tão necessários para a formação do símbolo e do sintema, transformadores da energia psíquica. Eles promovem o movimento criativo em busca do significado unificador e da saída da inércia advinda do caos, o húmus poli-facetado.

O Processo Criador possui um padrão Instintivo-Espiritual, ele revela as fases de transformação do Caos em Cosmo. O Homem Espiritual-Criativo é aquele capaz de compreender e apreender o seu padrão instintivo simbolicamente. Ele é capaz de encontrar a via que transforma a concretude do fogo ctônico em luz celestial, tornando-se um conhecedor do metron, e uma vez de posse dos seus limites pode aproximar-se dos deuses tornando-se criativo, eternizando-se através de suas obras.

O Homem torna-se um ser reflexivo a partir de Atená e Hefesto, eles nos revelam as “semelhanças” contidas nas imagens, desliteralizando as identificações, ensinando a via de saída da possessão por forças arquetípicas dotadas de uma carga energética além da capacidade humana de elaboração.

O poder metafórico, simbólico, é capaz de renovar a energia psíquica tornando-se o próprio Pharmakon ou agente de cura.

A humanidade perdeu-se de sua origem, de sua base instintiva, sua natureza inconsciente. Surge então a tarefa do processo de individuação para restabelecer o todo psíquico, fazendo o religare entre a consciência e o inconsciente, que tem na função simbólica o campo da transcendência, do metafórico, o Imaginal.

É através do símbolo que a energia psíquica se transmuta em uma tradução libertadora, plena de sentido, criando consciência, ampliando o campo dos conteúdos dotando-os de conhecimento e integrando-os ao todo.

O caminho de individuação é um desdobramento da energia do uno na quaternidade da matéria. Sua meta é a consciência da totalidade. Um conteúdo inconsciente entra na consciência, sofre a tensão dos opostos, sua crucifixão, diferencia-se, buscando o significado que vem do arquétipo central e compreende-o, tornando-o experiência. Tal experiência, vivida conscientemente, faz do indivíduo um co-participante da experiência de todo ser humano. Essa é a essência do caminho que se faz ao caminhar.

A psicologia analítica recupera o campo do simbólico com a finalidade de religar a psique individual a seus padrões coletivos, restituindo o significado perdido. A idéia de profundidade sugere que a imaginação primária consiste em ver o particular, de alguma maneira, incorporando e expressando um significado mais universal. Na medida em que se adentram as imagens, encontra-se uma forma básica, primordial, arquetípica.

A paixão pela forma diz da luta da imaginação contra o caos primordial, a prima matéria, fonte de toda a criatividade que, no absurdo desalinhado, encontra sentido, compõe, dá harmonia, proporção, perspectiva, paz, Nirvana, a libertação de todas as dualidades. Para os ocidentais, equivaleria à libertação da imaginação.

O Self apresenta-se como um caminho de individuação. Pode-se imaginá-lo como um diamante bruto a ser lapidado pela mãos do artífice habilidoso. O diamante trabalhado e polido é a própria vida vivida e realizada, através da busca de sentido em cada momento, no qual se apresenta uma situação nova diante do indivíduo. Para tal, é necessário um ego forte, que suporte as tensões. A resposta criativa envolve o diálogo entre os dois pólos: instintivo e espiritual. A síntese é o tertium non datur, o símbolo/sintema libertador, capaz de fazer a vida fluir novamente.

As ferramentas hefestianas abrangem todos os tipos de técnicas expressivas e auxiliam no processo de simbolização. São facilitadoras da integração psíquica.

O trabalho analítico tem por meta traduzir as emoções indiferenciadas, contidas nas imagens da Fantasia, dando-lhes a justa medida, humanizando-as e significando-as, unindo assim o instintivo ao espiritual gerando consciência.

Através da inclusão de Hefesto, da possibilidade de tornar o erro, o coxo, uma inspiração divina, criativa, abre-se o caminho para o novo Ser Humano reconectado com o Cosmos. A aceitação e compreensão das diferenças, considerando o outro em sua totalidade, contribui na passagem do paradigma patriarcal para o de alteridade.

(1) BRANDÃO, J. Mitologia grega. Petrópolis: Vozes, 1987. vol. 2. p. 44.

(2) HILLMAN, J. Encarando os deuses. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1997. p. 41.

(3) BOECHAT, W. (Org.) Mitos e arquétipos do homem contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63.

(4) NEUMANN, E. O medo do feminino. São Paulo: Paulus, 2000. p. 19.

Referências Bibliográficas

1. JUNG, C. G. Obras completas. Volume XIII – Estudos alquímicos. Petrópolis: Vozes, 2003.
2. BRANDÃO, J. Mitologia grega. Petrópolis: Vozes, 1987. vol. 2.
3. JUNG, C. G. Obras completas. Volume XV – O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 1985.
4. KERÉNYI, K. Os deuses gregos. São Paulo: Cultrix, 1998.
5. HILLMAN, J. Encarando os deuses. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1997.
6. BRANDÃO, J. Dicionário mítico etimológico. Petrópolis: Vozes, 1992. vol. 1.
7. BOECHAT, W. (Org.) Mitos e arquétipos do homem contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 1995.
8. NEUMANN, E. O medo do feminino. São Paulo: Paulus, 2000.
9. JUNG, C. G. Obras completas. Volume XII – Psicologia e alquimia. Petrópolis: Vozes, 1991.
10. JUNG, C. G. Obras completas. Volume XI – Psicologia da religião ocidental e oriental. Petrópolis: Vozes, 1983.
11. MARONI, A. Jung, o poeta da alma. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
12. JUNG, C. G. Obras completas. Volume V – Símbolos da transformação. Petrópolis: Vozes, 1986.
13. GRÜN, A. Mística e Eros. Curitiba: Lyra, 2002.
14. JUNG, C. G. Obras completas. Volume VI – Tipos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 1991.
15. JUNG, C. G. Obras completas. Volume IX, Parte 2 – Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1982.
16. NEUMANN, E. A criança. São Paulo: Cultrix, 1995.
17. JUNG, C. G. Obras completas. Volume IX, Parte 1 – Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 1976.
18. EDINGER, E. F. A criação da consciência. São Paulo: Cultrix, 1999.
19. JUNG, C. G. Obras completas. Volume VIII – A dinâmica do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1984.
20. SCHILLER, F. von. A educação estética do homem. São Paulo: Iluminuras, 1990.
21. VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
22. GUILFORD, J. P. La naturaleza de la inteligencia humana. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1977.
23. CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
24. BACHELARD, G. A terra e os devaneios da vontade. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- 25 JUNG, C. G. Obras completas. Volume XVI – A prática da psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1988.
- 26 MAY, R. A coragem de criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- 27 OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes.

Autora: Clara Rossana Ferraro de Sá
Analista Junguiana – AJB - IAAP